



ESTADO DA PARAÍBA  
CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS  
CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA

ATA DA 1ª AUDIÊNCIA PÚBLICA DO 6º PERÍODO DA 18ª LEGISLATURA DA  
CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS, ESTADO DA PARAÍBA, PARA DEBATER  
SOBRE A CAMPANHA DA FRATERNIDADE DE 2023, COM O TEMA:  
“FRATERNIDADE E FOME” E O LEMA: “DAI-LHES VÓS MESMOS DE COMER”  
(MT 14,16), REALIZADA NO DIA 23 DE AGOSTO DE 2023.

Aos vinte e três dias do mês de agosto do ano dois mil e vinte e três, com início às dezenove horas, em sua sede, localizada na Rua Horácio Nóbrega, nº 600, no Bairro Belo Horizonte, nesta cidade, reuniu-se a Câmara Municipal de Patos, sob a presidência da Vereadora Valtide Paulino Santos, secretariada pelo Vereador Josmá Oliveira da Nóbrega, 1º Secretário “Ad hoc”. Compareceram a esta Audiência Pública, os Vereadores: Fernando Rodrigues Batista (AVANTE), José Gonçalves da Silva Filho (PT), Josmá Oliveira da Nóbrega (PATRIOTA) e Valtide Paulino Santos (PSL), em um total de 04 (quatro) Vereadores. Não se fizeram presentes nesta Audiência Pública os Vereadores: Cicera Bezerra Leite Batista (SOLIDARIEDADE), David Carneiro Maia (DC), Emanuel Rodrigues de Araújo (SOLIDARIEDADE), Decilânio Cândido da Silva (SOLIDARIEDADE), Francisco de Sales Mendes Junior (REPUBLICANOS/Líder do Governo), Jamerson Ferreira de Almeida Monteiro (PL), João Carlos Patrian Junior (REDE), José Italo Gomes Cândido (REPUBLICANOS), Kleber Ramon da Silva Araújo (PSL), Marco César Sousa Siqueira (PSC), Maria de Fátima Medeiros de Maria Fernandes (REPUBLICANOS), Nadigerlane Rodrigues de Carvalho Almeida Guedes (REPUBLICANOS) e Willami Alves de Lucena (PROS). Por solicitação da Senhora Presidente, os Vereadores Fernando Rodrigues e José Gonçalves recepcionaram os seguintes convidados: Monsenhor João Saturnino, Vigário Geral, representando o Bispo Diocesano Dom Eraldo; Padre Sebastião Gonçalves; Padre José Elielton Lopes; Padre Adalberto; Padre Edvan Cabral; a Professora Maria Joseni, coordenadora da Pastoral da pessoa idosa na cidade de Patos; o Senhor José de Anchieta de Assis; o Senhor Geovani Lima Rodrigues, do Projeto Ser de Luz; Samara Oliveira, representando o Conselho da Mulher; Danusa Avelino, representando os sem tetos da comunidade Serrote Liso; Zenilda Soares, representante dos sem teto da comunidade Sapateiros. Em seguida, a Senhora Presidente declarou aberta a Sessão: “Havendo número regimental, invocando a proteção de DEUS e de Nossa Senhora da Guia, Padroeira de nossa cidade, em nome do povo patoense, declaro iniciados os nossos trabalhos.” Com a palavra, o 1º Secretário “Ad hoc”, após cumprimentar a todos, fez a leitura do dia: “ESTADO DA PARAÍBA. CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS. CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA. GABINETE DO VEREADOR ZÉ GONÇALVES. REQUERIMENTO Nº 978/2023 – SOLICITA A MESA DIRETORA DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS, REALIZAÇÃO DE AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUSSÃO DO TEMA “FRATERNIDADE E FOME”, RELATIVO À CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023. Na forma regimental e após ouvido o Plenário, requeiro à Mesa Diretora da Câmara

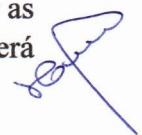
A handwritten signature in blue ink, appearing to read "Josmá Oliveira da Nóbrega".

Municipal de Patos que seja realizada AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUSSÃO DO TEMA “FRATERNIDADE E FOME”, relativo à Campanha da Fraternidade 2023. JUSTIFICATIVA: Conforme solicitação feita por Dom Eraldo Bispo da Silva, Bispo Diocesano de Patos, e Padre José Elielton Lopes de Góis, pela Equipe de Campanhas da Diocese de Patos, onde destacou a necessidade de convocação e debate do tema da Fome, com o intuito de tratar sobre a realidade da fome da insegurança alimentar à luz da realidade local, a fim de que sejamos impelidos ao compromisso e a corresponsabilidade fraterna, conforme documento em anexo. Vale salientar que a Diocese de Patos vem fazendo excelente trabalho junto aos vulneráveis e demais pessoas carentes no município de Patos. SALA DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS (Casa Juvenal Lúcio de Sousa), Em 18 de julho de 2023. José Gonçalves da Silva Filho - Vereador/autor.” Em seguida, foi exibido um vídeo do Hino da Campanha da Fraternidade 2023. Na sequência, a Senhora Presidente convida o Senhor Emiliano, que faz parte dos movimentos conservadores, para fazer parte dos trabalhos. Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Vereador José Gonçalves da Silva Filho**: “Boa noite a todos os companheiros e companheiras. Saudar aqui, em nome do Monsenhor João Saturnino, a todos os presentes. Saudar todas as mulheres em nome da companheira Josa, Presidente do Conselho da Pessoa Idosa, as companheiras dos sem tetos do Serrote Liso e do Sapateiros, a todas as entidades e instituições que estão nesta Audiência Pública. Dizer que esse vídeo da Campanha da Fraternidade demonstra claramente a situação que se encontra o nosso país. E esse vídeo, com certeza, todos nós devemos fazer um esforço pra passar pra o maior número de pessoas, especialmente os que se dizem responsáveis representantes do povo, vereadores e vereadoras, prefeitos, vice-prefeitos, secretários, governador, deputados, senadores e, assim, sucessivamente. Se a gente for analisar friamente, a fome não é uma questão apenas de conjuntura, mas a fome é estrutural, porque se pegarmos a produção de grãos em nosso país e dividir com a população, com certeza, cada brasileiro e brasileira teria no mínimo, um quilo de alimento por dia. Se a gente pegar a produção de carne no Brasil, daria pra cada brasileiro e brasileira comer no mínimo, dois quilos de carne por dia, da criança ao idoso. E por que isso não acontece? Justamente em virtude da concentração: a concentração de terra, dez por cento da população que detém a riqueza do país. É importante refletirmos nesta Campanha da Fraternidade, não apenas hoje, nessa Audiência Pública aqui, a realidade que vive o nosso país, onde nós tivemos um levantamento, no final de dezembro, onde trinta e três milhões de brasileiros e brasileiras não tinham o que comer, porque as políticas públicas foram ignoradas, deixadas de lado, e agora é que estão sendo retomadas. Trinta e três milhões de brasileiros que amanhece o dia e não tem como tomar um café, que não tem o almoço, que não tem a janta. Então esta Audiência Pública tem esse objetivo de discutirmos aqui em Patos, porque, muitas vezes, se torna normal passar pelos mendigos, pelas pessoas que estão passando fome. Eu venho sempre dizendo aqui na Câmara Municipal, o trabalho que a igreja vem fazendo vale por todos os políticos juntos, e ainda ganha. Pois, quem é que está atendendo ao povo que dorme ao lado dos mercados Jovino Lilio e Darcílio Wanderley? Quem é que está atendendo às pessoas que não tem moradia, que não tem o que comer? Justamente a Diocese Patos, não apenas no período da pandemia; ficou mais claro no período da pandemia, mas que vem realmente fazendo esse trabalho. Alguns dizem: ‘assistencialismo’. Sim, porque essa tese de dizer: ‘não podemos dar o peixe, não podemos dar o pão, temos que ensinar a pescar’. E quem não tem condições de comprar o anzol e a linha? Tem é que dá mesmo, porque muitos parasitas, que não trabalham, não



passam fome, porque eles estão simplesmente explorando a mão de obra dos trabalhadores e trabalhadoras. Então, essa discussão e esse tema da Campanha da Fraternidade: ‘Fraternidade e Fome’, é o momento oportuno da gente perguntar aqui em Patos? o que a Câmara está fazendo pra combater a fome em nosso município? O que a Prefeitura está fazendo pra combater a fome aqui no nosso município? O que as ditas autoridades estão fazendo? Então esse é o momento de reflexão, de exigências, porque se colocam como representantes do povo, as autoridades. ‘Eu sou autoridade’. Agora o que você está fazendo enquanto autoridade? E muitas vezes até critica o trabalho que é feito pela igreja, pelas instituições. Então é o momento de a gente refletir. Eu fico muito satisfeito com essa presença de todos e todas aqui e também fazer aqui um apelo à gestão municipal, pra que pague as Emendas Impositivas, apresentadas pelos vereadores aqui na Câmara Municipal. Aqui tem emenda minha e do Vereador Nandinho pra Ação Social da igreja, e até o momento não foram pagas. Já que não fazem nada, pelo menos repassem o que a gente aprovou aqui, porque é uma vergonha uma coisa dessas. A gente tem o direito aqui de indicar as Emendas Impositivas, a gente direciona as Emendas Impositivas, porque eu sou vereador aqui, e eu não vou está dando feira a ninguém, não vou estar dando dinheiro o povo não, eu direciono recursos pra quem realmente faz esse trabalho, que muito mais interessante. O que gente observa muitas vezes, é que dá uma feirinha, roubada, e ainda faz a foto com a pessoa. O nosso objetivo aqui é direcionar esses recursos pra quem já faz esse trabalho. Então que pague as em Emendas Impositivas que foram direcionadas a Ação Social. Foram direcionadas pra Mitra Diocesana, e se criou meio mundo de dificuldades, e não foram pagas, foram transferidas pra Ação Social. E não se pagam essas Emendas Impositivas. Isso é uma vergonha, porque são instituições sérias, o trabalho é realizado, registrado, avaliado, analisado, repassado, testemunhado, e não repassam esses recursos. Mas, infelizmente, tem dois milhões pra São João, tem dinheiro pra festa, mas não tem dinheiro pra amenizar, reduzir a fome do nosso povo. Eu até faço esse apelo aqui, pra que as entidades, as instituições, a igreja façam essa luta em conjunto. E a gente tem que citar o nome aqui, porque não pagam a Emenda Impositiva, que foi apresentada e aprovada aqui na Câmara Municipal, por todos os vereadores e vereadoras, pra matar a fome do povo. Não é pra favorecer os ricos e os poderosos. Agradeço aqui a todos os companheiros e companheiras por essa discussão. E a coisa não pode ficar por aqui, a gente tem que fazer o trabalho de base, continuar fazendo, tem as pastorais aqui, tem a Pastoral da Criança, a Pastoral da Pessoa Idosa, a Pastoral da Mulher, a Pastoral Carcerária, várias pastorais, e devemos cobrar de todos aqueles e aquelas que se dizem representantes do povo. Eu tenho a teoria, mas a prática é realmente a minha condução, minha orientação. Eu tenho a minha teoria, mas eu acho que a prática tem que andar junto, porque só com teoria nós não vamos a lugar nenhum, tem que ter a prática. Então, mais uma vez, agradecer e ouvir agora o testemunho de todos os representantes da sociedade civil organizada, da igreja, nesta Audiência Pública de hoje. Como o Monsenhor João Saturnino diz, a igreja sinodal é essa que é importante para o povo. Muito obrigado.”

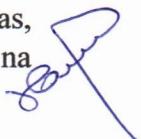
Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Vereador Fernando Rodrigues Batista**: “Meu muito boa noite senhoras e senhores, vereadores desta Casa, a todos vocês membros das pastorais, Pastoral da Criança, Pastoral do Idoso e de todas as pastorais, os Padres, que aqui estão, representantes de várias comunidades do município. Sejam bem-vindos em nome de todos os vereadores, em nome do autor dessa propositura, o Vereador José Gonçalves. Em nome de Dom Eraldo Bispo da Silva, gostaria de dar as boas-vindas a cada um de vocês que aqui estão. Minha passagem aqui na tribuna será



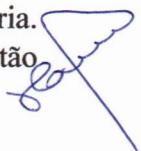
breve, não pra discursar, mas sim pra contar um pouco da história de cada um de vocês, dessa história de vida, dessa história de companheirismo, dessa história de solidariedade que cada um de vocês, membros dessas pastorais, carregam consigo mesmo. Estava eu sentado ali me lembrando, eu já participei da Pastoral da Criança, quando criança, da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Nasci e me criei naquela pastoral do Morro, naquela comunidade, chegava o dia de nós crianças sermos pesados, pra saber o peso da criança e tal. E ali tinha a parte ruim da história, que eu não gostava, quando iam me passar naquele bisaco. Mas a parte boa sabe qual era? Ali a gente ganhava suco e bolachas, biscoitos, porque a situação era tão difícil, não só na minha família, como nas demais famílias, que me emociona dizer que a gente, às vezes, não tinha o que comer. Mas eu guardo comigo essa grande recordação, com muita alegria, muita honestidade. E eu quero parabenizar não só Dom Eraldo, como cada um de vocês guerreiros, que nessa pandemia, é o ponto que irei citar, quantas e quantas famílias não obtiveram o pão de cada dia através de cada um de vocês. Eu tenho um trabalho social que não se trata de política, trata-se de solidariedade, de humildade, esse trabalho de doar uma cesta básica, doar um alimento, mas eu não gosto de mostrar, de filmar, de colocar nas minhas redes sociais aquilo que faço, porque, primeiramente, é um propósito que tenho com Deus e com o próximo. Não se trata nada de política, é um voto que eu tenho com Deus, com Jesus Cristo, mas como a gente está aqui na Câmara, a gente tem que relatar algumas coisas, que eu conheço o trabalho de cada um de vocês, membros de pastorais, chefes de comunidades, pessoas que, digamos assim, comandam assentamentos, pessoas sem teto, que ali estão, em busca de um teto pra morar, em busca de um alimento. Eu conheço, não vou dizer milhares, mas centenas de família aqui, no nosso município, que todos os dias não têm o que comer. E a gente fica sensível à situação. Olhando o Hino dessa Campanha da Fraternidade, a gente se emociona, porque é tão bom quando a gente tem o que comer, mas aí eu pergunto: e quem não tem o que comer? É triste! Eu conheço a fartura, mas também conheço a fome. Já passei muita fome e sei o quanto é triste passar fome. E eu tenho um propósito, de onde eu souber que tem uma pessoa passando necessidade, eu poder levar esperança a ele, poder levar um alimento. E a Ação Diocesana de Patos, a Mitra Diocesana de Patos vem se destacando, aos meus olhos e aos olhos de muitos, pela ação social que faz na nossa cidade. Todos os dias a gente pode acompanhar na Praça João Pessoa, a ação que a Diocese de Patos faz, pessoas que não têm o que comer e ali estão orando para que chegue a hora do café da manhã, porque a Diocese está ali, pontualmente, vocês estão ali. Quando chega o horário de onze horas da manhã, vocês estão ali entregando alimento. Eu sou convededor desse trabalho. Muita gente aqui não conhece, alguns criticam porque no meio daquelas pessoas que ali estão para receber aquele alimento, há pessoas que são usuárias de drogas, mas são seres humanos que precisam comer. Nós vereadores recebemos um recurso que é ao nosso gabinete, chamadas Emendas Impositivas. E o gabinete do Vereador Nandinho, o nosso gabinete, ano passado destinei R\$ 32.800,00 (trinta e dois mil e oitocentos reais) para a Mitra Diocesana, e graças a Deus foi pelo Prefeito. A gente coloca especificamente para que seja transformado em alimentos, cestas básicas e marmitas, enfim, na ação social que a Mitra Diocesana faz, que as pastorais fazem. Esse ano não foi diferente, eu destinei R\$ 84.400,00 (oitenta e quatro mil e oitocentos reais), para a Mitra diocesana, e será pago ainda esse ano, até o mês de outubro, o Prefeito me garantiu que será pago. E isso me deixa muito feliz, por saber que tem uma pessoa ali, duas ou três famílias que irão receber o seu alimento e terão o que dar de comer aos seus filhos. A gente fica muito feliz. Como falei, não é discurso, é apenas para



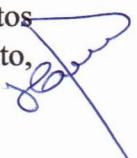
parabenizar a atitude de cada um de vocês, de Dom Eraldo, que vem fazendo um trabalho maravilhoso aqui, enfim, cada um de vocês têm história na vida de alguma pessoa aqui da nossa comunidade, que seja do Cangote do Urubu, do Mutirão, do Jatobá. O trabalho de vocês eu só tenho a parabenizar. E gostaria que todos reconhecessem o trabalho de vocês, da forma que eu reconheço, da forma que o Vereador Zé, enfim, dos demais. E aqui eu só tenho a parabenizar vocês, e dizer que continuem assim, fazendo o bem sem olhar a quem. Meu muito obrigado e uma boa noite a todos.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Padre José Elielton**: “Boa noite a todos. Minha saudação à Senhora Presidente Valtide Paulino, conhecida por Tide Eduardo. Minha saudação também ao Vereador José Gonçalves, que solicitou esta Audiência Pública. Também aos Vereadores Josmá Oliveira e Nandinho, que aqui se fazem presentes. Saúdo também o Monsenhor Saturnino, que em nome do nosso Bispo representa aqui a nossa diocese de Patos. Saúdo também o Padre Adalberto, que comigo compõe a equipe de campanhas, também os demais Padres que aqui se fazem presentes. Saúdo também em nome do casal, Josa e Anchieta, todos os demais leigos que compõem as pastorais sociais aqui de nossa Diocese. Esse momento, de fato, é de grande importância, de grande relevância; discutir a temática da campanha da fraternidade, num período posterior ao período quaresmal é de grande importância. É sinal de que nós não deixamos que essa temática que é, por assim dizer, o gesto concreto do período quaresmal, é a campanha da fraternidade aqui na nossa igreja no Brasil. Refletir sobre essa temática, num período posterior ao período quaresmal, significa dizer que nós não estamos deixando que a temática perpassasse apenas aquele tempo litúrgico específico. Portanto, é de grande importância. Essa já é a terceira Campanha da Fraternidade que trata sobre essa temática da fome: ‘Fraternidade e fome’. E esse ano nós fomos iluminados com um texto bíblico que é belíssimo: Mateus 14:16: ‘Dai-lhes vós mesmos de comer’. Ali, extraído do contexto, nós entendemos que uma das obrigações do cristão é exatamente a partilha; evidentemente ali extraído do contexto geral do evangelho. Mas, uma das obrigações do cristão é exatamente a partilha, é fazer com que os irmãos, as irmãs, não passem necessidade, não passem fome. E eu gostaria aqui de dizer, de uma forma bastante breve, o objetivo geral da Campanha da Fraternidade para, de certa forma, iluminar a nossa reflexão, sensibilizar a sociedade e a igreja para enfrentar o flagelo da fome sofrido por uma multidão de irmãos e irmãs, por meio de compromissos que transformem essa realidade, a partir do Evangelho de Jesus Cristo. Portanto, nós entendemos que o objetivo da igreja, ao lançar a reflexão sobre a fome, não é por assim dizer, erradicar com as suas próprias forças essa trágica realidade da fome. Antes de tudo, sensibilizar a sociedade para o problema que se impõe. De fato, há um problema, há um flagelo, há um drama que milhões de pessoas vivem enfrentando a fome dia após dia. Nós vimos no texto base da Campanha da Fraternidade, e também até mesmo no início do vídeo, que aqui foi passado, com hino, que 15,5% (quinze vírgula cinco por cento) da população brasileira sofre, de algum modo, com algum nível de insegurança alimentar. Isso é, por assim dizer, gritante, a totalidade desse número dá cerca de trinta e três milhões de brasileiros. É um número gritante, que todos os dias acorda, digamos assim, sem saber se tem alguma coisa para comer. Vive, portanto, com algum nível de insegurança alimentar. E a igreja, evidentemente, não pode, e, de fato nunca fez, se calar diante dessa realidade. É papel também da igreja, e isso ficou muito mais explícito quando o Papa Leão XIII lançou o que nós chamamos de ‘doutrina social da igreja’, mas a igreja sempre fez isso. Mas, sobretudo, depois disso a igreja teve um papel mais relevante, digamos assim, na



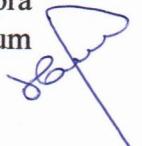
sociedade. Durante toda a história, a igreja teve um papel bastante efetivo no combate à fome, na partilha, na doação. Ora, nós vemos isso aí na própria história; a própria história revela que a igreja sempre teve uma preocupação em relação a isso. Portanto, não seria papel da igreja, neste momento, se calar, e, de fato, a igreja não o faz. Esta Audiência Pública, que hoje se realiza aqui na Câmara Municipal de Patos, tem, portanto, um papel importantíssimo, de grande relevância. Inclusive, gostaria de ler o 81, também do texto base da CNBB, da Campanha da Fraternidade, que fala exatamente sobre o papel do Poder Legislativo no combate à fome. Você encontra no número 81, quem estiver com o manual, pode acompanhar: ‘o Poder Legislativo tem grande responsabilidade nesse campo, mudanças estruturais com as que o Brasil necessita para vencer a fome e a miséria, ou o desmonte das políticas públicas que combatem a miséria e a fome, como as que o país tem sofrido, passam necessariamente por nossas Casas Legislativas. Nossa papel, enquanto cidadãos responsáveis, que se deixam guiar pelo evangelho, é escolher mais do que pessoas, verdadeiros projetos políticos para o país. Por isso é fundamental estar atentos aos programas dos partidos, ou a sua ausência, e também aos projetos dos movimentos sociais, a fim de que nossas escolhas políticas redundem em mais vida para todos. Portanto, as Casas Legislativas, os vereadores aqui, falando de um modo bastante particular, tem um papel importantíssimo nesse campo, ou seja, no combate à fome’. O texto aqui é bem claro, mais do que pessoas, nós devemos escolher projetos que visem minimizar o impacto dessa realidade que milhões de brasileiros sofrem. Portanto, sobretudo, com os objetivos próprios para esse campo específico, o Poder Legislativo, é nossa obrigação enquanto igreja, enquanto comunidade eclesial, tentar minimizar tudo isso, fazendo de fato valer aquilo que, digamos assim, o Poder Legislativo é chamado a viver a missão que o Poder Legislativo chamado a exercer. Na página 89 do texto base da Campanha da Fraternidade tem algumas ações que o Poder Legislativo e o governo municipal podem fazer a fim de que no nosso município, e aqui de uma forma bastante particular, no município de Patos, esta realidade dramática da fome seja bastante superada ou, ao menos, amenizada. De fato, o Vereador José Gonçalves tocou num ponto que é muito importante acerca do assistencialismo. De fato, essa temática, às vezes, é uma temática que dói. Muita gente critica, que a gente não pode simplesmente chegar lá com uma feira e dar a pessoa, mas numa situação urgente, em que a pessoa olha para todos os lados e não vê o que comer, não vê o alimento na mesa para que o filho possa comer, que a criança pequena possa comer, a realidade ali imediata é exatamente o assistencialismo. Não assistencialismo, na verdade, a caridade. Do ponto de vista cristão, isso é caridade. Então que a igreja, o governo municipal, o Poder Legislativo, possamos nos unir para que, de fato, esse drama da fome, que não é uma realidade que está distante de nós, nas nossas portas muitos irmãos nossos sofrem com essa dramática realidade da fome, que nós, portanto, possamos nos unir: igreja e também o Poder Legislativo aqui da cidade de Patos, para, ao menos, amenizar a dor de tantos de nossos irmãos que sofrem dia após dia com essa trágica realidade da fome. Obrigado a todos.’’ Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Senhor José de Anchieta**: “Senhoras e senhores, boa noite. Cumprimento inicialmente a Senhora Vereadora Tide Eduardo, Presidente da Câmara Municipal Juvenal Lúcio de Sousa. Nossos agradecimentos pela acolhida dessa temática. Cumprimento o Vereador José Gonçalves, autor da propositura que nos proporcionou esse momento importante; o Vereador Josmá, nossas considerações, o Vereador Nandinho, pela mesma forma, muito obrigado pela presença solidária. Cumprimento aqui aqueles que não foram cumprimentados ainda, mas que aqui estão.”



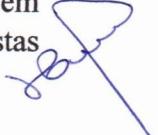
representados, a Fazenda da Esperança, também representada pelo Padre Sebastião Gonçalves, importante serviço prestado pela nossa Diocese, pessoas necessitadas. Cumprimento o Monsenhor João Saturnino de Oliveira, e em nome dele o nosso Bispo Diocesano, todos os representantes do Clero aqui presentes, nossa gratidão. Cumprimento aqui a nossa amiga, representante do Conselho Municipal da Mulher, muito obrigado por sua presença valiosa. A dona Josa, dona Maria Joseni, aqui representando o Conselho da Pessoa Idosa, também Pastoral da Pessoa Idosa. A nossa amiga Véria, aqui representando também um dos núcleos da Pastoral da Pessoa Idosa, na Diocese de Patos. Em seu nome Véria, cumprimento todas as líderes da Pastoral da Pessoa Idosa. Elas atuam aqui na área, às margens da linha férrea, que antigamente se chamava o cabaré. Então, nos locais mais difíceis a igreja está presente. Cumprimento aqui Alba, e em nome dela toda a Pastoral da Criança na Diocese de Patos, uma inspiração da saudosa irmã Zilda Arns, que também inspirou a criação da Pastoral da Pessoa Idosa no Brasil inteiro. Cumprimento aqui a Ação Social Diocesana de Patos, presidida pelo Monsenhor João Saturnino, mas também aqui representada por um de seus membros, o companheiro Júnior, lá do município de Teixeira-PB, muito obrigado pela presença solidária de vocês. Cumprimento as mulheres que estão na luta aí, há anos, por moradia digna, aquelas que vivem no Serrote Liso, sem assistência, sem energia. Agora tem energia gambiarra, que eles conseguiram improvisar por lá. Igualmente às mulheres que lutam por moradia, ali onde elas chamam de Assentamento Boa Vista, ao lado dos Sapateiros, nos seus barracos resistentes ali. Então é com muita emoção que eu quero cumprimentar a todas essas pessoas. Na verdade, eu queria Padre Adalberto, fazer uma rápida memória de alguns pontos importantes para deixar claro aos senhores e as senhoras assistir a posteriori que essa história de solidariedade, de ação humanitária da Diocese de Patos vem desde os seus primórdios. Eu lembro aqui uma figura que a gente perdeu há um certo tempo, a amiga Anita Meira, que morava na Roldão Meira, por trás da Catedral de Nossa Senhora da Guia, Padre João, às vezes eu, Josa e Gabriel, pequenininho, quando saímos da Cúria, obrigatoriamente a gente passava na casa de Anita Meira, ela foi uma das grandes acompanhantes de Frei Damião por esses sertões, e foi também a primeira coordenadora da Cáritas aqui na Diocese de Patos. Às vezes chegava lá e ela mandava a gente entrar, ela e um papagaio, que vivia nessa casa, e ela ia nos contar como era a luta no tempo que chegava os alimentos de trem. Vinham de trem os alimentos todos, Padre Sebastião, e no dia que chegava alimentos em Patos era preciso reforço policial, porque as necessidades eram tantas. E depois tinha toda uma logística necessária de transportes para chegar aos locais mais distantes da Diocese, sem asfalto, naquela época. Imagina chegar alimentos em Princesa Isabel, em Manaíra. Então, eu queria fazer essa memória importante dessa pessoa que simbolizava toda essa ação solidária da Diocese de Patos por esse território todo. Queria também ressaltar aqui ainda no período da Cáritas, além dessas ações caritativas de distribuição emergencial de alimentos, quando a Cáritas completou cinquenta anos, a Cáritas é da minha idade, eu sou de setembro de cinquenta e seis e a Cáritas é de novembro de cinquenta e seis. Então, quando a Cáritas completou cinquenta anos, Padre João, ela editou um a revista, que constava uma das ações importantes aqui na Diocese de Patos, que era o apoio aos clubes de mães, geralmente costureiras, bordadeiras, que faziam serviços manuais, e estava aí também o apoio da Cáritas, nessa tentativa de sair da emergência pra promoção da pessoa. Gostaria também de destacar essa memória, que, um pouquinho mais na frente, vieram os chamados Projetos Alternativos Comunitários, os PACs, e já nos anos oitenta aqui, com Dom Expedito,



também com Dom Gerardo, os Projetos Alternativos Comunitários eram maneiras de ajudar na organização das comunidades mais carentes. E chegava nessas comunidades pequenos animais: cabras, gado, chegava apoio à plantação, chegava os poços artesianos, os cacimbões também, os poços amazonas; tudo isso eram ações dos Projetos Alternativos Comunitários, que também ali se exercia a solidariedade e a organização comunitária. Depois, um pouquinho mais na frente, tivemos um Projeto chamado 'Alimento por Trabalho', geralmente nos períodos de seca que nós vivenciamos tanto, chegava o Alimento por Trabalho para aquelas pessoas que estava nas frentes de emergência ou que não tinham com seguido espaço, mas que ali chegava pelo menos o alimento. E a gente estimulava as pessoas a fazerem algo, não só receber. Tem as associações comunitárias, construídas pela zona rural, que vieram a partir dessas ações. Quem conhece a comunidade Monteiro, em Cacimbas? Tem um a sede da associação comunitária que foi fruto dessa ação chamada Projetos Alternativos Comunitários, os PACs. Um pouquinho mais pra frente, também nos anos oitenta, e foi nos anos oitenta que eu conheci Zé Gonçalves, porque, além dessas ações emergenciais todas, a Diocese também ousou em tocar nas questões estruturais. Lembro aqui Dom Helder Câmara, Monsenhor João Saturnino, que dizia uma frase marcante: 'se dou de comida me chamam de santo, se pergunto porque não tem comida, porque passam fome, me chamam de comunista'. E essa temática da fome não é simplesmente a falta de alimento. Quando falta alimento na casa de uma pessoa, com certeza, faltou muito mais coisas naquela casa. São famílias adoecidas, são famílias que não tem moradia, é um conjunto de coisas que estão no entorno dessa temática da fome, não é Padre. É falta de educação, é família desequilibrada. E agora, recentemente, chegou mais pra perturbar às famílias a epidemia das drogas, tantos relatos, tantos exemplos diários que a gente encontra. Dando um salto mais pra cá, já nos anos noventa, os movimentos ligados à igreja e a própria igreja ousou fazer incidência política, cobrar políticas públicas e até exercitá-las algumas dessas políticas públicas. Tem um programa belíssimo, desde os anos noventa, nos sertões do nordeste, que é o programa de construção de cisternas de placas; e quem inventou aquela cisterna de placa não foi nenhum Engenheiro não foi nenhum doutor, foi um agricultor da divisa de Sergipe com a Bahia, que como os nordestinos fazem em períodos de seca, vão trabalhar em São Paulo, e ele foi trabalhar na construção de piscinas, sendo ajudante de pedreiro pra construção de piscinas. E ele descobriu, Zé Gonçalves, que aquelas piscinas de formato arredondado davam menos problemas do que as piscinas retangulares e quadradas. Aí ele imaginou: 'quando eu chegar na minha terra, vou fazer uma bicha dessas, mas não é pra eu tomar banho. Vou fazer redonda, porque eu estou vendo que as redondas racham menos, porque o peso fica mais distribuído igualmente nas paredes. E vou fazer pra pegar água da chuva, que passa todinha por cima da minha casa, que é pra eu beber água de qualidade, com a minha família'. Porque a água foi durante muito tempo, moeda de troca que perpetuou muitas pessoas no poder, assim como foram as sementes. Então, quem tinha carro pipa estava garantido por muitas eleições, e a água, além de direito, era tratada como um favor. Imagine só. Então, esse agricultor chamado seu Neo, nós o trouxemos certa vez, pra um evento em Campina Grande, porque pra fazer todo esse trabalho com cisternas foi criada uma articulação de organizações no Nordeste, chamada Asa Brasil, que são mais de mil organizações articuladas desde o Norte de Minas Gerais e os demais estados do Nordeste. Então se criou essa rede de organizações para tratar das cisternas, mas a cisterna como porta de entrada pra se discutir outras coisas, pra se discutir que o semiárido é viável, o Nordeste não é só local de problemas, mas é um

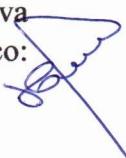


local que tem potencialidades. E a partir daí se mudou o discurso, que além dessas coisas boas que foram feitas de um milhão e trezentas mil cisternas de beber foram construídas, trezentas mil cisternas de produção. A cisterna de beber comporta dezesseis mil litros, a cisterna de produção, para produzir uma horta, pra botar água para as galinhas, pra os porcos em torno de casa, cinquenta e dois mil litros. Então, pra esse tipo de cisterna maior chegamos a construir quase trezentas mil, Zé. E a partir daí, se discutia o roçado, se discutia as sementes tradicionais, sem os transgênicos que invadem, que poluem, que causam doenças. Então esse conjunto de coisa foram sendo construídas coletivamente, e se mudou aquele discurso de combate à seca, porque a seca foi um flagelo pra muita gente, mas foi também oportunidade de pessoas ficarem mais ricas, assim como muitas pessoas ficaram mais ricas com a pandemia, com a miséria do povo. Então, depois de todo esse trabalho dessas organizações, todas ligadas ao semiárido, se mudou aquele discurso de combate à seca, e se passou a dizer: convivência com o semiárido, convivência com a realidade semiárida. Então, isso é algo importante de mentalidade, de organização das pessoas. Bom, feito isso, eu queria dar um salto mais recente agora, pra falar um pouco do que a Diocese fez agora nesse período da pandemia. Já foi dito aqui, outras vezes, que, num primeiro momento, a Diocese, através de Dom Eraldo, tomou a iniciativa de distribuir máscaras, foram quase quarente mil máscaras, no início, quando não tinha vacina, não tinha nada. A Diocese levou máscaras para vários locais, tanto para as comunidades carentes, como até para os próprios postos de saúde, pra o Corpo de Bombeiros, pra o Hospital Regional, para os enfermeiros, então foram quase quarenta mil máscaras. A Diocese pensou em comprar um respirador, fez o processo, não foi entregue, e ela conseguiu resgatar o dinheiro, e o equivalente, juntamente com Lili, do Hospital, foi investido, mais de cinquenta mil, em outros equipamentos, que até hoje estão servindo ao Hospital Regional e toda a população que ali é atendida. Depois, a Diocese começou a atender também com cestas básicas. Só eu e dona Josa recebemos essa missão de coordenar isso, e pelas minhas contas, a gente entregou cerca de cinco mil e quinhentas cestas básicas, até o momento, as pessoas carentes. Mas, além desse espaço, tem também a Ação Social Diocesana de Patos, que ao mesmo tempo não é Padre João, fez tanta coisa bonita e continua fazendo. Eu quero cumprimentar aqui, que não tinha visto ainda o meu amigo Anselmo, atual assessor do Deputado Luiz Couto. Então, seja muito bem-vindo, que trabalhou também na Ação Social da Diocese de Patos. Mas eu queria dar alguns números aqui, relacionados ao que a Ação Social da Diocese fez. Eu vou começar pelo gás, a Ação Social da Diocese de Patos conseguiu uma parceria com um instituto ligado ao saudoso Betinho, sociólogo, Ação da Cidadania, que é uma organização da sociedade civil nacional, belíssima, para beneficiar quinhentas e cinquenta e cinco famílias da periferia de Patos, Vereador Josmá, com a troca de cinco botijões de gás, naquele período que o gás estava muito caro. Encerrou isso agora, acerca de um mês. E nós também conseguimos com Dom Eraldo, a Mitra Diocesana, com outra organização da sociedade civil brasileira, chamada União BR, cadastrar mais duzentas famílias. Então, no total foram setecentas e cinquenta famílias da periferia de Patos contempladas com cinco botijão de gás, cada uma. Algumas delas estão aqui, são testemunhas disso, que são três mil e tantos atendimentos de bujão. Se transformar isso em recursos, calculando a cento e pouco, então é um volume que se aproxima dos quinhentos mil reais. Depois do gás, vamos passar pra os alimentos, somando as ações nossas do Projeto de Ação Solidária da Diocese com aquelas ações da Ação Social da Diocese de Patos, a gente calcula em aproximadamente setenta toneladas de alimentos distribuídos e transformadas em cestas



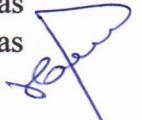
básicas às famílias carentes aqui da periferia de Patos. Foram contribuições tanto locais, de pessoas anônimas, que vão lá e entregam Padre Wellington, e dizem: ‘não note nem o meu nome, mas está aí’. Eram agricultores que chegavam com feijão, com jerimum; as escolas do município também contribuíram, fizeram campanhas, a justiça, através da Juíza Doutora Isabela, contribuiu demais; a Caritas, advenha-te um conjunto de organizações que favoreceram esse total de aproximadamente setenta toneladas de alimentos, que foram distribuídos; as emendas parlamentares que estão também na relação, não é Zé. Então, gente, é um pouco de prestação de contas, pra quem não sabia. E dizer que esses dados, embora sejam todos esses que eu coloquei agora, eles são dados parciais, porque se a gente for pra coisas que não são computadas, mas que a gente sabe que aconteceram na Diocese, em paróquias, eu lembro que lá em Princesa Isabel o pessoal também teve sua ação própria; em Piancó, com o Padre José Ronaldo, ele criou até o Instituto, uma organização lá, Madre Dulce, que também fez várias ações. Aqui em Santa Luzia, na época do Padre Elias, com o apoio também da justiça, foram distribuídas muitas cestas básicas na região. Santo Antônio, Catedral; a Catedral continua. Tem uma série de organizações, tem a Casa da Misericórdia, Casa de Apoio, que as pessoas que vêm com doentes para o Hospital, que tem almoço, tem janta, tem banho. Então, pra dizer senhoras e senhores, que essa Diocese de Patos tem essa história toda a ser contada, partilhada com vocês. E eu quero concluir por aqui, contando rapidamente duas experiências pessoais pra deixar como lições. Tem um ditado que diz: ‘pra um bom entendedor, meia palavra basta’. São duas experiências pessoais. Eu tenho um problema, desde adolescente, eu acho que alguns têm também, que é o problema dos pesadelos, não sei se alguém já teve pesadelo ou sabe o que é pesadelo. A gente nem está acordado, nem está dormindo, tenta se acordar pra vida, mas não consegue, alguma coisa impede; e muitas vezes o meu pai ou a minha mãe me tocavam pra que eu despertasse. Hoje acontece de dona Josa: ‘Anchieta, o que é isso?’. Então eu acho que essa situação da fome é como um pesadelo, se a gente não enxergar e não tocar de fato nas pessoas. Ela, por si só não, consegue sair de tamanho problema, porque não é só a falta de alimento, é a falta de um conjunto de coisas que está em torno daquela criatura ou daquela família. O outro exemplo que eu queria deixar pra vocês, é que a minha vó, que morava aqui até três anos atrás, na Rua da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, ela morreu aos 107 anos de idade, dona Madalena. Ela era uma exímia fabricante de colchas de retalhos. O que é um retalho sozinho? Mas o que é um retalho na mão de uma pessoa que tem essa habilidade de fazer costuras e, depois, transformar naquelas coisas belas todas? Então eu acho que o nosso trabalho é esse de tocar as pessoas, de deixar sensibilidade, de fazer as pessoas realmente mudarem de vida. E esse trabalho, Zé, que é também da Câmara de Vereadores, de enxergar o potencial de cada retalho sozinho, de cada serviço sozinho, e fazer essa costura pra que transforme em algo belo, que serve pra tocar a vida em frente. Era isso. Muito obrigado.”

A Senhora Presidente convidou o senhor Anselmo, representando o Deputado Federal Luiz Couto, para fazer parte dos trabalhos da Mesa. Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o jovem **Ryann Vitor**: “Senhora Presidente Tide Eduardo, senhores vereadores, cumprimentos a todos em nome do Vereador Josmá Oliveira. Comprimento os senhores Padres aqui presentes, em nome do Monsenhor João Saturnino, nosso Vigário Geral, dona Josa representando a Pastoral da Pessoa Idosa, o Senhor Anchieta. É um prazer recebê-los nesta Casa Legislativa, da qual também sou servidor, e trabalho com muito orgulho aqui nesta Casa. Hoje nos reunimos nesta Casa Legislativa para debater sobre a Campanha da Fraternidade, e início com a frase do Papa Francisco:

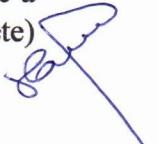


‘não há democracia com fome, não há desenvolvimento com a pobreza, e muito menos justiça na desigualdade’. E a partir dessa frase do Papa, podemos dialogar sobre fatos importantes dentro do atual contexto social em que vivemos. Primeiro, sobre o papel da Igreja perante os desafios da sociedade, entre eles está a fome, a pobreza e a desigualdade. Mas o combate à pobreza e o combate às desigualdades não é apenas um dever da Igreja, é uma obrigação da Igreja. Assim como Cristo nos ensinou a amar o nosso próximo, a Igreja deve sim cumprir com o seu papel, mas a Igreja sozinha não é capaz de resolver tudo, ela precisa que os órgãos públicos competentes também façam a sua parte. Eu acho que a união de forças em prol do combate à fome é o principal desafio da humanidade. São pessoas, são famílias, são crianças que acordam e dormem ser ter o que comer, uma realidade presente na sociedade patoense, na sociedade paraibana e na sociedade brasileira. E nós sabemos que, nos últimos quatro anos, houve um grande desmonte nas políticas sociais que garantiam essa certa segurança alimentar para essas pessoas. Tivemos programas finalizados, programas que foram excluídos dos órgãos do governo que combatiam a fome. Nós tivemos um aumento considerável no número de pessoas que passam fome no nosso país. Os números atuais mostram trinta e três milhões de pessoas. Não é uma família, não são duas famílias, são trinta e três milhões de pessoas que nesse momento vão dormir sem ter o que comer. E a Igreja lá, lutando, trabalhando, Campanha da Fraternidade, movimentos sociais, pastorais sociais. Mas a Igreja sozinha não consegue cumprir e sanar essa dificuldade, ela precisa que os órgãos públicos também trabalhem. É preciso que o governo também faça a sua parte, na criação de políticas sociais que garantam a segurança alimentar básica para população. Quem está com fome não quer muito, ela quer o básico para sobreviver. Agora acontece que atualmente as políticas sociais no Brasil transformaram-se em cartaz político, fazem programas sociais para, em época de eleição, mostrar em cima do palanque. E não é assim, o combate a fome não precisa ser mostrado, precisa matar a fome da população, mas o mundo não precisa saber. Mas eu creio que atualmente, tanto em nosso município, quanto em nível nacional, vêm-se criando programas de auxílio a essas pessoas. Agora é preciso fazer mais, é preciso que a Igreja, junto com os órgãos competentes, públicos, sentem e dialoguem sobre projetos e propostas de programas que possam facilitar o acesso das pessoas à comida, seja, por meio de um auxílio básico, seja por meio de um programa que garanta cesta básica, programas eficazes. Quando se politiza um tema tão importante, a eficácia desses programas vai caindo, mas é preciso que se realize um trabalho conjunto, um trabalho entre Poder Público, Igreja e a sociedade, porque a Igreja ela não pode executar. A Igreja pode cobrar, colaborar, mas só quem executa é o Poder Público. A Igreja faz a sua parte, cumpre o seu papel, de acordo com o evangelho, mas a Igreja não pode resolver tudo sozinha. Mas fico feliz que a Igreja no Brasil vem tendo essa preocupação. A Campanha da Fraternidade esse ano tratou sobre a fome, já tratou sobre a fome em edições anteriores, mas essa, especificamente, veio no momento adequado, no momento em que o país passa por um processo de reconstrução daquilo que foi desmontado durante quatro anos. Então esse processo de reconstrução é lento, é um processo que precisa de fases, mas é um projeto que precisa prioritariamente, priorizar os pobres. A Igreja deve priorizar os pobres porque é evangélico isso, vem do evangelho, e os Poderes Públicos, por obrigação, devem priorizar os pobres. Essa é uma prática do amor. E um governo que governa sem amor é um governo que não ama o seu povo. Então, devemos cobrar enquanto Igreja, enquanto instituições; devemos fazer o nosso papel, mas é necessário fazer um trabalho conjunto. É necessário que desta Audiência Pública saia

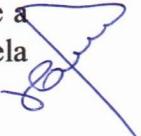
alguma coisa, nasça alguma coisa. Esta Audiência é um ventre, porque não adianta fazer Audiência Pública, e acabando a audiência, morreu o assunto. A Audiência Pública tem uma finalidade, ela tem um papel, que é construir, junto com a sociedade, alternativas para temas específicos. E hoje estamos falando sobre a fome. Então, a Igreja deve cumprir o seu papel, mas principalmente os Poderes Públicos também devem cumprir o seu papel, priorizar os pobres, conversar com as pessoas, visitar as pessoas e garantir o básico: saúde, educação e segurança, porque é inadmissível que, atualmente, ainda tenha crianças passando fome, idosos e adultos passando fome. A fome não é um problema, a fome é um crime que se pratica contra a sociedade, mas, às vezes, nós mesmos somos omissos no nosso dia a dia; às vezes passam pessoas pedindo nas nossas casas, e a gente julga, sem antes conhecer a história daquela pessoa, sendo que por trás dela tem uma família esperando o alimento que ela conseguiu na rua para fazer o almoço para os filhos. Então, antes da gente julgar essas pessoas, devemos conhecê-las, devemos ser solidários com essas pessoas, devemos praticar o amor. O amor é um sentimento tão nobre que mexe com todos nós. Nossa coração precisa arder de amor pelo próximo, e esse sentimento de amor nos leva a praticar ações solidárias com o próximo. Então, que possamos a partir desta Audiência Pública, construir algo coletivamente que vá amenizar a situação da fome no nosso município. Obrigado, Senhora Presidente, Senhores Vereadores, obrigado senhores Padres aqui presentes. Tenham todos uma boa noite.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra **Padre Sebastião**: “Boa noite a todos. Quero saudar as autoridades aqui presentes, na pessoa da Presidente desta Câmara, a Vereadora Tide Eduardo, aos meus irmãos Padres, o pessoal da Pastoral da Criança, da Pessoa Idosa, senhores e senhoras. A Campanha da Fraternidade traz uma realidade que muitas vezes a sociedade e todo corpo que a representa deixa, ou pelo menos não quer ouvir e ver. A realidade da fome no nosso país e no nosso município voltou às nossas portas. Aqui na Paróquia de Nossa Senhora Da Guia, todos os dias, pessoas, mulheres, crianças, batem à nossa porta, de madrugada, meio dia, à tarde e, sobretudo, na parte da noite. Temos tentado, como discípulos e discípulas de Jesus Cristo e como Igreja, atender, mas percebemos que é insuficiente porque não é uma questão particular, é uma questão político social. Algumas ações que fazemos ajudam pelo menos a essas pessoas saberem que têm duas refeições, o café da manhã e o almoço, através da ação da Casa da Misericórdia. Eles sabem que, às seis da manhã, podem se achegar lá na Casa da Misericórdia, de segunda a sábado, que tem o café da manhã e o almoço garantidos. Mas na parte da tarde e da noite eles e elas não sabem onde vão comer, ou o que vão comer. Então a Casa Paroquial da Paróquia de Nossa Senhora da Guia se tornou uma espécie de segunda Casa da Misericórdia. E é preocupante porque todos nós vemos no centro da nossa cidade de Patos quantas pessoas dormindo na porta da Catedral, e quantas vezes alguns grupos saem à noite para levar cobertor, para levar alguma comida e para também saber porque eles e elas estão na rua. Nós temos também a ação da Fazenda da Esperança, que é uma esperança mesmo não só para a nossa Diocese, mas para o nosso município. A Fazenda da Esperança acolhe às pessoas caídas no mundo das drogas, no mundo do alcoolismo, no mundo do tabagismo e outros vícios. Quantas mães, quantas famílias nos têm procurado para colocar o seu filho ou a sua filha na Fazenda da Esperança, para vê-los sair deste mundo das drogas e voltarem recuperados. Como já foi falado, a gente continua fazendo a solidariedade através de cestas básicas, mas com o passar da pandemia o volume diminuiu consideravelmente, porque algumas pessoas que doavam as cestas básicas, com a pandemia, entraram numa crise econômica financeira que elas mesmas



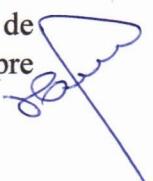
também agora estão precisando das cestas básicas. Quem era doador, agora, muitas famílias, passaram também a necessidade de ter que contar com a ajuda de cestas básicas. E são muitas famílias. Então, de alguma maneira concreta, através das pastorais, através de doadores, através de gente boa, homens e mulheres de boa vontade, a fome de muitas famílias está sendo amenizada. Não resolvida, mas amenizada no nosso município. E precisamos fazer um conjunto de ações, como aqui foi falado, não é uma ação única, mas uma ação conjunta, que envolve todas as estruturas políticas, sociais, econômicas, culturais, religiosas, num conjunto de ações, para que o pão chegue à mesa de todos e para que o pão esteja na mesa de todos. Pão em todas as mesas, esse é o sonho do evangelho, mas é o sonho possível, porque alimento no nosso país e no mundo, que é produzido, dá para matar a fome de duas comunidades como a nossa. Somos mais ou menos nove bilhões de pessoas no mundo. E por que existem pessoas que não tem as refeições adequadas, suficientes, que é direito de todos? Penso que esta Audiência Pública, ela também tem o objetivo de reavivar e pedir que as políticas públicas, sociais e de segurança alimentar sejam reforçadas, retomadas, porque o Papa Leão XIII, certa vez, disse: ‘a política é a melhor forma de fazer a caridade’. A política entendida como a arte de promover o bem comum, arte de gestar o bem comum, a arte de incrementar o bem comum, para que todos tenham o pão nosso de cada dia garantido e insuficiente para se alimentar com dignidade. Obrigado. Boa noite.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra a **Senhora Joseny Medeiros**: “Boa noite a todos e todas. Quero fazer minha saudação aos vereadores aqui presentes, na pessoa nossa amiga, Vereadora, Presidente Tide Eduardo, saudar os padres, a minha companheira de luta nos conselhos, Samara, do Conselho da Mulher, a Pastoral da Pessoa Idosa aqui presente, a Pastoral da Criança, Ação Social Diocesana, movimento dos sem tetos, Padre João, representando nosso Bispo Dom Eraldo. Eu já sou freguesa da Casa, sempre que tem Audiências Públicas, estamos aqui falando em nome da Pastoral da Pessoa Idosa e do Conselho da Pessoa Idosa. No mês de julho nós tivemos aqui uma Audiência Pública sobre o ‘Junho Violeta’, e, hoje, essa Audiência nos provoca a partir do tema da fraternidade, a ter uma visão mais ampla da fome. Um dos trechos do texto base da campanha fala que, além dessa fome que aqui foi colocada, existem outros tipos de fome. E Dom Eraldo, sempre que vai falar na campanha, ele fala das várias fomes que existem em nossa sociedade. Aqui eu gostaria de, como Pastoral da pessoa idosa, como Conselho da pessoa idosa, falar da fome que as pessoas idosas vivem aqui em nossa Diocese, no município de Patos. Todos já têm conhecimento que o nosso trabalho enquanto Pastoral da pessoa idosa, nosso carro chefe é a espiritualidade, nosso contato com Deus, o toque com as pessoas idosas, através das visitas domiciliares. E nas visitas domiciliares nós trabalhamos com os indicadores de fragilidade. A Pastoral da pessoa idosa pode ir até um determinado ponto. E nessas visitas domiciliares, as meninas que estão aqui fazem essas visitas e sabem quantas fomes a gente se depara: a questão da solidão, a questão do abandono, a questão da violência patrimonial, física, psicológica, financeira. Nossos papéis, como pastoral da pessoa idosa, é olhar, ver, identificar. Nós temos esse olhar profético, e aquilo que a gente não pode resolver, a gente encaminha. Por isso que nós trabalhamos em parceria com os órgãos de proteção do município. Que órgãos são esses? CRAS, CREAS, Centro Dia da Pessoa Idosa, os abrigos, a questão das ILPIs e o Ministério Público, que tem sido um parceiro importante nessa defesa dos direitos da pessoa idosa. E aqui eu gostaria de trazer como Pastoral da pessoa idosa, o número de pessoas que a gente acompanha no município de Patos, 2757 (duas mil setecentas e cinquenta e sete)



pessoas idosas, são acompanhadas pela Pastoral. Somos 124 (cento e vinte e quatro) líderes, somos 125 (cento e vinte e cinco) voluntários, e temos a missão de fazer o trabalho com as pessoas em situação de vulnerabilidade social. Meu pedido à Câmara de Vereadores e ao Poder Público do Município de Patos é um olhar atento, amoroso, cuidado, principalmente para com aquelas pessoas que estão nas instituições de longa permanência, os abrigos. Padre Sebastião, que é o nosso coordenador, do pilar da caridade, tem tido esse conhecimento da situação dos nossos abrigos, que são de pessoas particulares, e que a situação da pessoa que vai para o abrigo é o último recurso que se dá à pessoa idosa, quando ela não tem família, quando ela não tem casa, quando ela não tem quem cuide. Mas se você vai aos abrigos, você vai encontrar pessoas que têm família, pessoas que têm condições financeiras. E por que estão nessas instituições de longa permanência? Porque há ainda um preconceito, chamado de idadismo, quando a pessoa idosa não produz, então os filhos, os netos não querem cuidar ou apenas usufruir dos bens. Nós temos situações de pessoas idosas aqui na cidade de Patos, depois que eu entrei no Conselho, Samara sabe disso, porque a gente partilha, a cidade de Patos é a cidade onde há mais violência contra a pessoa idosa. Foi feito um levantamento no CRAS, e as mulheres são as maiores vítimas de violência psicológica. Nós já temos até casos em que pessoas idosas, mulheres foram agredidas, violentadas sexualmente. Nós temos situações de pessoas idosas que são moradores de rua, estão nas ruas. E aqui eu já tive a oportunidade de contar para vocês a história de seu Pernambuco, um morador de rua que nós acolhemos no período da pandemia, adotamos ele, juntamente com a Secretaria de Ação Social, na pessoa de Helena, na pessoa do Centro Pop e do projeto de Ação Solidária da Diocese de Patos. Seu Pernambuco teve que sair da rua porque adoeceu, foi para o abrigo, cuidaram dele, deram toda cobertura, mas Seu Pernambuco não se adaptou à vida no abrigo, porque ele dizia: 'O meu lugar é a rua'. Onde era a casa dele? Naquela porta na frente do mercado, perto da feira de frutas. Se você chegasse todos os dias, ele estava lá à noite, dormia lá. Uma pessoa pacata. Faleceu, ia ser enterrado como indigente, e nós não deixamos. Fizemos o velório de Seu Pernambuco, enquanto ele passava quinze dias, e a justiça decidiu o que fazer com ele, porque eu pedi ao Promotor: 'Deixe a gente enterrar Seu Pernambuco sem ser indigente, para que ele pelos menos na morte tenha dignidade'. O Promotor, na época, Dr. Elmar, olhou para mim, e disse: 'A responsabilidade é sua'. Eu disse: Eu assumo. Procuramos em todos os lugares a família de seu Pernambuco, não encontramos, mas tinham pessoas que recebia o benefício por ele. A família não apareceu. Nós reconhecemos o corpo de Seu Pernambuco, a Ação Social do Município cuidou do velório, do esquife, e lá estávamos nós do projeto Ação Solidária, Conselho da Pessoa Idosa, Padre Joacil, vigário da Catedral, na época, no cemitério Santo Antônio, enterrando Seu Pernambuco, em um túmulo, que ele teve o privilégio de inaugurar, de uma família que não quer que a gente divulgue o nome. Dizer que a situação dos moradores de rua e das pessoas idosas na rua é gritante aqui. O número de pessoas idosas no Brasil cresceu. A nossa cidade de Patos tem o trabalho, mas a gente precisaria fazer mais. E aí eu jogo a bola para os vereadores que estão aqui, nosso companheiro Zé Gonçalves, Nandinho, Tide, Josmá, façam alguma coisa para que o município de Patos tenha uma ILP - Instituição de Longa Permanência, um abrigo municipalizado, porque aí as condições, o Ministério Público e nós do Conselho poderemos fazer muito mais. Esse é meu grito hoje: Você tem fome de quê? Os nossos idosos tem fome de amor, carinho, proteção, cuidado. Esse é o público que a Pastoral da Pessoa Idosa assiste, esse é o público que nós do Conselho da pessoa idosa assistimos.

No início, eu conversava com o Vereador Josmá, o nosso papel, enquanto Conselho, é provocar o município para que as políticas públicas aconteçam. Quando houver denúncia, CRAS, CREAS, Ministério Público, porque com esses órgãos de proteção a gente pode cuidar. E quem sabe, vamos sonhar Zé Gonçalves, Tide, Nandinho, Josmá, numa cidade de Patos, amiga da pessoa idosa, tem um Projeto no Paraná, de uma deputada, que fez com que o município, que eu estou esquecida o nome, se tornasse amiga da pessoa idosa, fazendo com que as políticas públicas acontecessem, desde essa questão do cuidado das ILPs, desde a questão dessa assistência e desde a questão do estacionamento, do cuidado nos bancos. Eu tenho ido aos bancos, como nossos idosos são desassistidos pelos próprios bancos. Eu fui receber dinheiro, no início do mês, e chegue lá, uma idosa foi aliciada, o rapaz chegou dizendo que era do banco e conseguiu o cartão dela, a senha, e fez um empréstimo no nome dela. Ela estava duas horas da tarde, atrás de rever essa situação. Então, são situações que só a gente que tem sensibilidade sente, mas a gente sente e precisa fazer alguma coisa. Você tem fome de quê? Padre Adalberto, nós temos fome de justiça, de dignidade para as pessoas idosas em nossa Diocese, em nosso município. Obrigada.” Atendendo o convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Vereador Josmá Oliveira**: “Boa noite Senhora Presidente. Saúdo meus colegas vereadores, saúdo também todas as autoridades eclesiásticas, senhores Padres, em nome do Monsenhor Padre Saturnino. Padre Elielton, eu tive o privilégio de assistir uma Missa sua lá na comunidade São Francisco, que vai virar paróquia. Padre Adalberto, Padre Edvan, Padre Sebastião, meus cumprimentos iniciais a todos, todos das pastorais também. Sejam bem-vindos. Os demais cidadãos que nos acompanham aqui presentes e pelas mídias digitais, que estamos ao vivo, pela TV Câmara, Youtube e Facebook. Primeiramente parabenizar a Diocese de Patos, pelo excelente trabalho que vem fazendo, esse de caridade, social, que é cara da igreja, que tem feito mais pela cidade de Patos do que a classe política. A classe política é lamentável. Esse tema da Campanha da Fraternidade, antes de fazer algumas colocações, eu sou de família católica tradicional, muito bem criado por minha mãe, dona Carmélia, mamãe está cansadinha já, mas sempre a gente participa, eu gosto de leva-la para assistir as missas. Eu agradeço a minha mãe por ela me educar muito bem. Nós temos sérios problemas sociais no Brasil, a nossa cidade de Patos, no nosso Estado da Paraíba. Nós temos muitos problemas, e a fome talvez seja um dos maiores por esse nosso contexto, por esse nosso ponto de vista. E nós precisamos ter responsabilidade para tratar de problemas assim. Responsabilidade mesmo, discutir com seriedade, sabermos combater a causa, e não combater só os sintomas. A igreja tem feito o seu trabalho fundamental, a caridade, é fantástico, quando disse que faz um trabalho maior do que a nossa classe política, que tem que mudar muito. E aqui eu já entro na deixa do senhor Padre, que pontuou muito bem aqui, escolhas políticas. Tudo o que sofremos ou não sofremos depende muito das nossas escolhas. A sociedade preciosa sentar para escolher melhor os seus representantes, pessoas que tenham responsabilidade, pessoas que tenham capacidade de desenvolver políticas públicas e fazer, de fato, política para a melhoria social, porque tudo está errado nesse país. Nós da classe política temos privilégios, que eu faço questão de abrir mão, porque não é justo nós ganharmos largos salários, termos aqui cadeiras confortáveis, um monte de privilégios que nós temos, enquanto uma grande da sociedade, que banca tudo isso, não tem o básico. Isso está errado. Queria eu que a maioria dos políticos pensassem assim, mas os políticos não são colocados aqui por eles mesmos, quem os escolhe é a sociedade, infelizmente. Por isso que é importante que a sociedade ter conhecimento, ter educação. Essa também, por sua vez, é roubada pela 

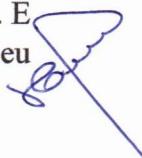
classe política, que não investe em educação. A falta de educação é uma das maiores causas da fome. A classe política não tem interesse em investir em educação porque vai formar cidadãos críticos, pessoas que pensam. Pessoas que pensam são ameaças para quem quer se perpetuar no poder. Pessoas que estudam e que pensam, elas conseguem Padre, se virar, conseguem desenvolver alguma profissão, fazer alguma coisa, e dali tirar o seu sustento e o pão de cada dia. Os políticos mal intencionados não querem isso, eles querem as pessoas dependentes, escravas. E nós precisamos ter coragem de discutir esses temas. Coragem e conhecimento, e não fazer disso só discurso político, porque, na maioria das vezes, palavras convencem, mas só o exemplo arrasta. Nós precisamos ter muita coragem de discutir. Sei do papel da igreja, se nós formos olhar para trás, aí foi que a igreja contribuiu para a sociedade, através de conhecimento, através da formação das universidades e por aí vai. Mas nós políticos temos que fazer a nossa parte, a sociedade tem que fazer a sua parte, combater a fome, educação. Nós precisamos de um modelo mais eficiente de educação, senhores, para formarmos uma sociedade mais justa, formando pela base e não por cima. Só fazer discurso bonito não resolve, nós temos que atacar a causa e não tentar só remediar o problema. Nós temos altos índices de criminalidade no país, e isso atrapalha quem quer trabalhar, quem quer empreender. Eu acredito que o trabalho, junto com o conhecimento e a geração de oportunidade e emprego e renda, são as maiores armas que nós temos contra a fome, profissionalizar as pessoas. Eu ando muito na cidade, a cidade é grande, pegando briga, e eu entrei para pegar briga mesmo, eu não entrei aqui para fazer discursos bonitos. Certo dia, eu fui num CRAS, aqui na cidade de Patos, já visitei todos, e durante essa visita, conversava com a coordenadora, e ela dizia: 'aqui nós atendemos tantas pessoas por mês'. Eu cobrando dela, salvo engano, nesse dia, foi no do São Sebastião, onde era a escola profissionalizante. Eu entrei nas salas, estavam as máquinas de costuras, todas paradas, cheias de teia de aranha, onde antigamente tinham cursos profissionalizantes, e esses cursos libertavam as pessoas, profissionalizando os cidadãos, para terem a sua renda e escapar da fome e dessas estatísticas sociais. E a menina empolgada, dizendo: 'Vereador, nós atendemos não sei quantas mil pessoas por mês, nós distribuímos centenas de cestas básicas'. Eu disse: Moça, por gentileza, vem cá, vamos na tua sala, eu queria ver o histórico dessas pessoas que você atende, como você falou esses números, quantas delas deixaram de precisar de vir aqui no CRAS, pegar uma cesta ou pegar uma assistência? Ela disse: 'Eu não tenho esses números'. Eu achei estranho, porque nós como autoridades, que devemos construir políticas públicas, nós devemos desenvolver mecanismos, educação, conhecimento, oportunidades para essas pessoas, e colocar essas pessoas que estão nessa postura ou posição de vulnerabilidade social, no caminho certo. Fulano, vem cá, a gente vai te ajudar, colocar você aqui, a gente vai te ensinar esse caminho, segue por aqui. Uma profissão, algo desse tipo, capacitar aquelas pessoas. E eu não vi isso lá, o que eu vi lá era um modelo do controle social, de dependência, que isso é um problema que nós precisamos ter coragem de discutir. Nem tudo é Shakespeare, nem tudo é romantismo, nem tudo são flores, tem que ter coragem de atacar o problema, discutir de forma séria, e nós precisamos de política nesse ponto. E é aí onde entramos nós, representantes do Poder Legislativo, as autoridades, o senhor Prefeito, precisamos assumir a responsabilidade, junto com os secretários e a sociedade, civil de cobrarmos políticas nesse ponto, fazermos o nosso dever de casa, profissionalizar as pessoas que estão em uma posição. Ninguém gosta de passar fome, ninguém quer. Às vezes é falta de conhecimento, é falta de oportunidade. Nós devemos construir isso. Estarei votando novamente aos CRAS, sempre



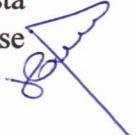
cobrando políticas públicas, cursos profissionalizantes, botem esses meninos na escola, vamos estudar minha gente. Estudando já é difícil, e sem estudar é pior. Sempre agradeço a minha mãe, o maior patrimônio que minha mãe deu foi a educação. Meu pai nunca teve conhecimento, mas papai trabalhava feito um cavalo para sustentar os seus seis filhos. Nós temos um grande problema dos idosos na cidade de Patos, nossa amiga, que me antecedeu, falava sobre a questão do abrigo. Nós não temos políticas públicas no município de Patos, praticamente nós não temos muitas políticas aqui, são mais propagandas bonitas, mas as coisas não têm funcionado. A gente tem cobrado, e, de fato, nós temos muitos problemas com nossos idosos no município. A gente vai intensificar isso, apesar de estar um pouco sobrecarregado de muitas demandas, mas nós temos que ter a coragem de discutir todos os temas da sociedade. Foi tocado aqui também, na questão da água em nossa região. A falta de água gera fome. Lamento muito, muitas pessoas se utilizam dessas fragilidades sociais para fazer política, isso é erradíssimo. Inclusive, eu vou dizer um exemplo aqui, nós temos o DNOCS, aqui no Nordeste, Departamento Nacional de Combate a Seca, eu acho que o DNOCS nunca vai acabar com a seca, porque se ele acabar com a seca ele deixa de existir. São modelos de políticas que não foram feitas para funcionar. A gente espera que a transposição da água seja concluída, uma parte foi concluída, tivemos um problema, para a gente poder emancipar esse povo, para essas pessoas terem uma oportunidade, aquelas pessoas que passam fome, naquela fragilidade social ali, comecem a se virar, a plantar seus frutos. É assim que se combate à fome, investir em educação, oportunidade de geração de emprego e renda. Eu me preocupo também com a estabilidade jurídica que esse país vive no momento, isso afasta investimentos, e quando não se tem investimentos, nós não temos a geração de emprego e renda. E quando não tem emprego e renda, não tem economia circulante, e quando não tem economia não tem desenvolvimento. E vai restar o quê? Pobreza e fome. Precisamos discutir isso. Todos esses temas estão conectados, temas sociais, socioeconômicos, como queiram chamar, e a gente precisa ter responsabilidade para discutir isso de forma séria, sem romantismo, e cada um fazer a sua parte, a sua contribuição. Eu me preocupo também com a questão tributária, nós temos agora muitos problemas no país, o país está num poço de problemas, aumento de impostos. Quando eu aumento impostos, eu prejudico primeiramente os pobres. É a forma mais cruel de prejudicar os pobres é aumentando os impostos, isso é cruel, para manter uma máquina pública ineficiente, que suga do trabalhador praticamente quase 50% (cinquenta por cento) do que ele produz. Precisamos ter coragem para discutirmos isso, não adianta trabalhar para outras pessoas colherem os seus frutos. Isso também desestimula a abertura de empreendimentos. Se nós temos menos empreendimentos, nós temos menos empregos, nós temos menos oportunidades, nós vamos ter mais pessoas sem fazer nada, que é outro problema, que vão terminar como o Padre colocou, lá na porta da igreja. A igreja vive de doações, senhores. E mesmo vivendo de doações, faz mais que o estado, que vive sugando o povo através de impostos. Temos outros problemas sociais que refletem também na fome, o problema das drogas, um problema gravíssimo, e agora querem liberar tudo, que vai gerar mais problemas, porque nós temos uma panela de problema no Brasil. Nós temos que ter coragem de discutir. E tem uma frase, que eu considero uma das frases mais estúpidas do mundo, que a gente escuta muita gente dizendo, que é assim: 'Eu não gosto de discutir política'. É um problema gravíssimo em uma pessoa que diz uma coisa dessas. A questão da fome só pode ser resolvida através da boa política. Nós temos problema também da corrupção nesse país, neste estado, nesta cidade, que é uma coisa crônica. A falta de merenda, a falta

de políticas públicas decentes, políticas sociais decentes, eficientes, deixam de existir coisas eficientes, por parte do estado, por conta da corrupção, que é uma desgraça. Pessoas que tem o olho maior que a barriga, que roubam dinheiro público, e tudo isso ocasiona fome. E confesso para vocês, senhores e senhoras que estão aqui, poucos políticos estão preocupados com isso. Vou logo dizer a vocês, mais da metade não estar nem aí, tira foto, faz matéria, faz discurso, mas não tem nem coragem de discutir esses temas; não sabe nem quais são os temas, quais são os caminhos pra gente combater isso. Mas como o Padre muito bem colocou aqui, no início, cidadãos precisam ter a responsabilidade de escolher os seus representantes, os seus legisladores, para ter um Legislativo forte, independente, que defenda o povo. É assim que eu penso. Sei que tem gente que pensa diferente, tudo bem. Porém, nossa sociedade é fragilizada porque não tem uma educação de qualidade, aí lá vão os problemas, enfim. Mais uma vez parabenizo a igreja, contem comigo. É uma vergonha que o município de Patos não honre o compromisso nas suas Emendas Impositivas. É vergonhosa a falta de compromisso do Prefeito. Eu peço até desculpas. Se eu tivesse maioria na Câmara, eu afastava o Prefeito de imediato, mas, infelizmente, nós não temos. Estaremos sempre cobrando melhorias nessas políticas, e estarei sempre disposto a discutir esses temas, com os demais, com responsabilidade, sem fazer disso bandeira política. Isso aqui tem que ser política pública, de interesse público, porque não é fácil ser uma pessoa pública, de compromisso, honradez. É difícil, minha gente; como também eu sei que é muito difícil ser Padre, tem que ter uma vocação muito grande, tem que ter uma paciência. Eu acho que tem que ter o triplo da paciência de ser político. É vocação, é um chamado de Deus, enfim, não irei me estender muitos, nós temos outros oradores. Eu me coloco sempre à disposição, senhores, para gente discutir quaisquer temas, sempre de interesse público. E repito, o caminho para o combate à fome vem através da educação de qualidade, do conhecimento, da economia, da geração de e emprego renda e oportunidade. Essa é chave, esse é o caminho, com políticas sérias, e fugindo de políticas populistas e fantasiosas, que tem trazido para o Brasil outros problemas de outros países. Nós temos venezuelanos nas ruas, bolivianos, tudo vítima de políticas populistas desastrosas. Enfim, eu me coloco à disposição de todos vocês. Meu muito obrigado e boa noite.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra **Padre Adalberto**: “Boa noite a todos. Minha saudação a Presidente Tide, ao Vereador José Gonçalves que solicitou, nos atendeu, escutou o nosso clamor. Minha saudação também ao Vereador Nandinho, também ao Vereador Josmá, minha saudação a todos. Josa me perguntou assim: ‘Padre Adalberto, qual é a sua fome? Tem um poema de Solano Trindade que diz assim: ‘Se tem gente com fome, dar de comer’. Não tem o que se discutir, se tem gente com fome, dá de comer’. Depois de alimentado, nós vamos para as reflexões, como bem falou o Vereador que me antecedeu na fala. Então, meus amigos, estar debatendo sobre a temática da fome, se sensibilizar com algo que qualquer um de nós podemos ou poderemos enfrentar é antes de olhar para o outro necessitado de um alimento, é se colocar no lugar do outro, e se imaginar: ‘poderá ser eu amanhã, poderá ser um filho meu amanhã, poderá ser um neto meu amanhã’. Então, debater a Campanha da Fraternidade nessa temática: ‘Fraternidade e fome, dá-lhe vos mesmo de comer’, é uma ação que é conjunta. E de novo vou citando Josa, se está com fome, dar de comer, qual é a minha fome? São diversos tipos de fome, fome de sede, fome de saneamento básico, fome de educação, fome de justiça, fome de igualdade, fome de fraternidade. Temos fomes de diversos tipos, mas quem pode resolver? Eu, você, cada um de nós, se nós assumimos os nossos papéis. Qual é o papel

da Câmara de Vereadores? É investigar, é criar meios, é solicitar, é estar ali presente, é ver a realidade, é apontar a realidade, e cobrar. Qual é o papel do Executivo? Executar isso. É diante de todas essas demandas, fazer o seu papel. Ah, se todos nós fizéssemos o nosso papel. Eu sempre reflito o seguinte, é claro que eu, como Padre, e os demais irmãos que estão aqui, têm a missão de contemplar a realidade e levar aquilo que é ser pastor, trabalhar nesse sentido, ajudar, acolher, ver, cobrar também, mas a minha missão é ser Padre. Mas, na necessidade, o Padre assume a missão de estar ali também como pessoa humana, dando de comer a quem tem fome. É por isso que nas nossas casas paroquiais chega alguém, na verdade, lá em Assunção, o Monsenhor João, que também me antecedeu lá em Assunção, as vezes chega e diz assim: 'aqui é a casa do Padre'. É porque alguém já disse: 'Ali é a casa do Padre, pode ir lá, que ele dá'. Aí o Padre diz: 'É, aqui é a casa do Padre, seja bem-vindo! O que é que deseja?'. 'Você não teria um prato de comida?' E o Padre diz: 'vou ali ver se temos'. E traz o prato. E no outro dia a pessoa diz assim: 'Aqui está Padre, a vasilha'. Resolveu o problema? Não! Mas a pessoa pode dormir com a barriga cheia pelo menos hoje. E amanhã o Padre poderia ir lá: 'Senhor Vereador, temos gente com fome, dá de comer'. Vamos criar políticas públicas, vamos procurar meios de levar essas pessoas a terem vidas dignas. Como? Através do trabalho, como bem falou o Vereador Josmá, porque é uma missão que cabe a todos nós. E aqui não é só no sentido religioso, porque, claro, nós partimos do princípio religioso, que está lá no texto de Mateus, Jesus olha para multidão e percebe que estão com fome. Aqui no texto tem alimento, cinco pães e dois peixes, mas pode ser respondido com a pergunta de Josa: qual é a nossa fome? Jesus pode estar dizendo para nós, hoje, no sentido religioso. Mas humanamente falando, alimento, vida digna, justiça, isso é humano, isso é humano. Não é nem no princípio só religioso, é humano. Claro, nossa missão é partir de um princípio religioso, mas humanamente falando, é missão de todos nós, é obrigação. E se nós não fazemos, aí é o cúmulo da miserabilidade e da desumanidade, é algo que espanta. Como diz o Papa Francisco, é algo que causa horror ver alguém com fome e morrendo na miséria. Não só no sentido religioso, mas causa horror ver alguém que passa fome em nossa porta, e ao dizer assim: 'não, vá em paz'. Então isso nos causaria um horror. E aí quem é que mais sente tudo isso? Os mais pobres. No texto diz assim: 'Ser pobre significa que quase sempre, ser mais facilmente provado pelos inumeráveis perigos que ameaçam a sobrevivência. É ter menor resistência às enfermidades físicas'. Josa falava da pessoa idosa, e eu estava pensado, enquanto Josa falava, veja o quanto nós somos acessíveis. Nós criamos, pode olhar aqui em Patos tem, em Assunção tem rampas de acesso para cadeirantes, agora olha para as nossas calçadas, como são. Você sobe em uma calçada, ou desse pelo menos lugar ou tem que saltar de uma para outra. Não somos acessíveis. Então nós tapeamos, criamos umas rampas, mas também não tornamos as nossas calçadas. Para falar que há uma fome também para quem é cadeirante hoje. Então, existe minha gente, diversas fomes. E como padre Elielton falava, o papel da igreja é sensibilizar, mostrar que existem várias fomes. Mais se nós fizemos o nosso papel, o nosso trabalho, assumirmos com amor, com empenho e com justiça, aí sim Patos será melhor, Assunção será melhor, a Paraíba será melhor, o Brasil será muito melhor, porque fazemos aquilo pelo qual nós somos obrigados ou fomos chamados a fazer. No meu caso, ser padre, e como também Josmá ver, falar de Jesus, e cobrar também. Meu muito obrigado a Câmara de Vereadores, que solícitos acolheram o nosso desejo de estar aqui, meditando, trazendo à luz essa reflexão da fome, que não é problema só meu, é nosso. E encerrando a minha fala, diz assim no texto, eu hoje, imagino que uma boa parte aqui, eu

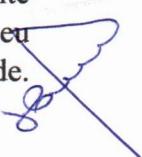


estou com fome agora, é problema meu, que posso comer; agora se tem alguém com fome, aí é problema nosso. Se eu estou com fome e tenho condições para comer, eu não comi porque não quis, é problema meu, agora se tem alguém lá fora com fome, e não tem com o que comer, é problema nosso, é problema da igreja, é problema da sociedade civil organizada, é problema do Legislativo, é problema do Executivo. Façamos os nossos papéis, e, assim, a nossa cidade e o nosso mundo será melhor. Obrigado.” Com a palavra, o **Senhor Emílio Queiroz** disse: “Boa noite a todos. Eu queria cumprimentar as autoridades religiosas, autoridades parlamentares e o povo de um modo geral. É muito bom ouvir autoridades falando. Autoridades, no sentido intelectual da palavra. Esse tema da campanha da fraternidade, como outras pessoas aqui já falaram, é muito abrangente, então não fala só daquela fama material, não fala só do pão, do feijão, do arroz, não é isso. Inclusive, se for observado o texto de São Mateus, não fala só disso, a pergunta que o apostolo lança a Jesus, pode ser isso, mas a resposta que Jesus de Nazaré dá, não é só isso. Eu aprendi a reduzir o campo das coisas, eu não gosto de falar, por exemplo, do Brasil, do Nordeste, não. Eu falo de Patos, é a nossa realidade mais próxima, é aonde você pode atingir alguma coisa. Ninguém lá em Brasília vai estar me ouvindo, apesar dos meios de internet e tal, não vai. Então, se você olhar para Patos, a gente tem uma fome muito grande aqui. Eu não estou falando da fome de alimentos, eu estou falando da fome de justiça. O nosso Código Penal vem sendo destruído, a pessoa humana, a vida humana vem sendo desvalorizada, e isso não está sendo levado em conta. Existe Ministro do Supremo Tribunal Federal que entende que o criminoso deve estar na rua. Evidente que eu não estou falando do criminoso menor, realmente tem uns crimes que não merecem a prisão, uma prestação de serviço, uma multa resolve a situação. Mas tem pessoas que chegam num estado de desumanidade que não pode, não pode merecer estar na sociedade, tem que ser retirada. E a solução disso é a prisão. E quando não se faz isso, você gera fome na sociedade, fome dentro da família, fome de justiça. Tem que saber enxerga isso. Não vai enxergar, a maioria das pessoas, porque vai cair em outra fome, a fome de educação. Mas eu não vou falar disso agora, não. Temos também a fome de honestidade, e que atinge diretamente a quem? A gente pensa, o político, o vereador, o prefeito. Não! Primeiro, a fome de honestidade. A primeira pessoa que está faltando com honestidade somos nós, cidadãos. Estamos satisfeitos demais com essa coisinha de vereador que faz de conta que fiscaliza, prefeito que faz de conta que administra. No dia a dia tem até uns comentários em rede social, mas na campanha política estamos pulando lá, atrás de fulano e cicrano, não se comportam como gente, e depois quer que a natureza o trate como gente. Não vai tratar. Essa é a fome de honestidade, primeiro com a gente. Aí entra a questão de um de nós, de quem vai ser o político e de quem vai ser o prefeito, o vereador, quem seja. A incapacidade dessas pessoas é incrível, de trabalhar o bem público com honestidade, para devolver o que ele recebeu da população. A fome de informação, e essa aqui recai diretamente nos meios de comunicação. Quantas rádios Patos tem, tem tv também, quantos blog de informação, mas quem estar dando a informação certa, quem estar falando a verdade, quem estar trazendo o fato, ou quem está pegando o fato, repartindo em várias partes e trazendo para população o que é de seu interesse político imediato, o que é de seu interesse ideológico? Isso é fome de informação. A fome de valores morais, eu não posso aqui afirmar que nós estamos passando por uma crise moral sem precedentes, porque dizem que a década de 20 foi pior. Aquele período entre a primeira e a segunda guerra mundial foi terrível. A gente está se aproximando deles. Quem está preocupado com a crise moral? Se você observar o que está acontecendo com a crise



moral do nosso país, da nossa cidade em particular, e quando você fala de moral, eu estou falando do agir do ser humano, do dia a dia, do seu trato com o fulano do mercadinho, com o seu trabalho, você no trânsito. Esse agir moral, que você colhe da sua família, colhe da sua consciência, quando você a escuta, colhe da igreja, colhe da Bíblia Sagrada, que está escanteada, é bom que se diga isso. É bom que se diga que estão querendo tirar a Bíblia Sagrada, que estão querendo modificá-la. E tudo isso vai decaindo na moral. Hoje se fala até em crise moral dentro da igreja, eu não gosto de falar assim. A igreja não tem crise moral, a igreja é o Espírito Santo que conduz. Existe crise moral entre alguns componentes da instituição, mas é bom que se lembre que sempre após uma crise moral dentro desses componentes, essa crise se expande para a sociedade, e muitas vezes ela se transforma em sangue, em vida humana. É bom que se lembre disso. A fome da educação, essa eu creio que seja a pior de todas. Quem por aqui nunca passou por uma escola? Tem algum professor aqui de Universidade presente? Tem algum professor de Geografia, por exemplo, que sabe muito bem o que é a fome nos mapas de Patos, do Brasil e da Paraíba? Tem algum professor de História para relatar como era a fome no passado, e tentar projetar como vai ser no futuro? E cadê esse pessoal? Não tem nada para falar esse professor, essa professora? Nadinha? O que gera a fome, que o segundo ponto que eu vou tentar falar, é essa falta de educação. Um dos motivos que gera. Mas por que gera fome? E o que a pessoa tem dentro de uma escola hoje, é educação ou instrução? É educação ou ideologia? O que ela tem? Depois da Revolução Francesa, quando Rousseau falou assim: 'O ser humano já nasce bom, o que o destrói é a sociedade'. Para onde colocaram isso? Para dentro da escola. E o que é que tinha antes? Tinha o cristianismo, que dizia: 'não, você nasce e você não sabe o que você vai ser não'. Você pode ser um sábio ou um ignorante, pode ser um professor ou pode ser um viciado, um drogado. Pode ser uma pessoa de grande valor, mas pode ser uma pessoa que não valha nada, um bandido. Ninguém sabe. Então essa pessoa tem que ser educada para desenvolver o seu potencial humano cristão, para desabrochar o que ela tem que ser aqui na terra para ela atingir o seu fim, e não só os seus objetivos. Era isso o que a escola dizia, era assim que ela educava. Quando isso foi afastado, entrou ideiazinha do revolucionário francês, o tal do Rousseau, e o que a gente tem hoje? O cidadão individualista e egoísta. E esse está preocupado com a fome de alguém, de um terceiro? Não está não. O egoísta não que sabe de fome de ninguém não. O dele está bom? Está. Então o resto que procure a sua solução. O individualista e o egoísta estão sendo formados dentro da escola, e isso gera fome. Pra não se estender, o horário já está bem avançado, a discussão é muito bem-vinda, mas eu queria dizer que a discussão é a abertura, só o início, e não pode parar aqui não, pelo amor de Deus, de forma alguma. E eu trouxe uma pergunta e queria que vocês levasse pra casa, pra discutir com o irmão, com o pai, a família, colega, vizinho, quem gera o pão? Estou agora estou falando do feijão, do arroz e do leite, quem gera isso? É a família, é você pessoa ou é o estado? Quem gera? Só pra relembrar Luiz Gonzaga, acredito na década de cinquenta, tem uma música de Luiz Gonzaga, que diz: 'meu amigo, você dá esmola a uma pessoa tem saúde, pode acontecer duas coisas, ou você vai viciá-la ou vai matar de vergonha'. E me parece que aqui na nossa região não matou de vergonha não, viciou. Isso é muito triste. A vida humana é dura por se só, do nascimento até a morte. Eu digo isso a meu filho todo dia: oh, a vida é dura. São Paulo dizia: 'quem não trabalha não merece comer'. Evidentemente, eu não vou pegar essa frase aqui, cortá-la no miudinho e querer tratá-la do modo como eu quero, não é assim. Mas se você pegar o contesto de quando ele falou isso na Bíblia Sagrada, a confusão que tinha lá, por onde ele tinha escrito essa carta, você

vai ver que têm pessoas que se viciam de pedir e são acometidas de preguiça, tudo isso acontece. A formação do homem dentro da família, dentro da escola, deve ser a formação do homem forte, ele tem que lutar, ele tem que partir pra vida, não do coitadinho, o assistido social. Esse tipo de política tem que ser bem selecionada para as pessoas, e realmente tem gente que não tem jeito, se não der de comer, ali morre de fome. Se você pegar os programas sociais, boa parte o pessoal tem dinheiro, tem isso aqui, e não estão precisando não. No entanto, o estado está viciando aquilo ali. A política por si só ela resolve muita coisa. Quando eu falo de política, eu falo da administração da cidade. Então do jeito que o Prefeito, a Câmara de Vereadores, os órgãos de fiscalização procuram dar cabo desse bem público e devolver pra população, dentro de uma família quem faz isso é o pai, a mãe, o irmão mais velhos, é esforço seu, é próprio, não tem que esperar por ninguém. Quando você pegar essa política e você administrador público afasta o valor do bem público e coloca em seu lugar a ideologias, você está gerando fome. Mais eu pergunto: quem tem a capacidade de enxergar se a gente não foi educado na escola? Qual foi a escola que educou a nossa inteligência? Qual foi a escola que educou nossa cidadania pra ser cidadão? Qual foi a escola que educou a nossa vontade? Você não faz o que você quer não, ninguém faz o que quer. Qual foi a escola que educou isso? Qual foi a escola que educou nossa consciência? Fica um Padre, na igreja, tentando dizer: 'a consciência é isso, você tem que agir de acordo com a sua consciência, a consciência que está lá é o Espírito Santo, tem que saber o que é certo e o que é errado'. Quando um garoto está dentro da sala de aula, eu digo a você, algumas pessoas falando referente a juventude: 'é uma geração perdida'. Não é não, é uma geração abandonada. Pai não quer educar, a escola desistiu disso faz tempo, às vezes quem está dando instrução é um telefone celular, é a rua. E queira quer não ele vai crescer, vai ser homem, vai ser mulher, um dia vai constituir família, ter uma profissão. E dessa pessoa vai sair o quê? Dessa família vai sair o quê? Não vai sair o que é bom. Por quê? Porque não foi educada. A elevação da alma humana tem que acontecer se você quiser ter algum fruto dessa pessoazinha que a gente conhece. Eu vou trabalhar com fulano, que é o motorista, o fulano trabalha no mercadinho, telefonista. Se não tem a elevação da humana, se não tem a valorização da natureza humana pra fazer desabrochar suas potencialidades, nós estamos mortos. Pra finalizar, nós temos um mal dentro da sociedade, dentro da família, em nossas casas, e esse mal está sendo alimentado. E pra cair aqui nesse tema, discussão, ele tem que estar presente, e o nome desse mal é preguiça. É preguiça da pessoa humana, ela foi viciada a ter preguiça. Então isso tem que ser batalhado em todas as situações. Por fim, minha gente, eu gostaria de dizer que tudo o que eu sou hoje, o que eu penso, o que eu tenho, tudo, a minha família, e não de me mesmo, eu só colher do meu pai, de minha mãe, de meus antepassados, do padre a igreja de São Sebastião, quando eu era moleque, quando eu ia pra missa, de professores bons que eu tive. Na Faculdade de Direito eu estudei com três padres, graças a deus, se não a metade dela eu tinha aproveitado. O que eu tenho, o que eu sou é o eu colhi do passado, só que eu tenho que processar isso agora pra quando chegar esse tema de fome, eu estar achando que é só fome de feijão, de leite e de pão, eu saber discernir as coisas. Sem educação não vai ter discernimento não. E que tipo de ser humano a gente está gerando? Então, mais uma vez, eu deixo a pergunta, queria que o pessoal levasse pra casa: que gera o pão? É a família, o ser humano, com o que Deus lhe deu, ou é o estado? Tenha muito cuidado com isso. Muito obrigado." Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o Monsenhor João Saturnino: "Inicialmente eu quero saudar a Senhora Presidente da Sessão e da Câmara Municipal, a senhora Tide.



Muita paz pra senhora, juntamente com as demais companheiras aqui da Câmara. Não sei se posso fazer uma política voltada para os interesses de todos, mas privilegiando as mulheres. Eu espero que a senhora possa com elas, formar esse grande cordão e esperança para muitas mulheres. Quero também saudar o nosso amigo Vereador José Gonçalves, que sempre caminha com a gente nessa caminhada, nessa luta por direitos iguais e esperança. Ao nosso amigo Vereador Josmá Oliveira, que está aqui na Câmara Municipal, que tem uma caminhada junto a essas comunidades, e também Nandinho. Vocês aqui formam uma composição e, como parlamentares, possam transformar a política em sinal esperançoso. É essa é a nossa convicção. Também quero saudar as mulheres aqui presentes na pessoa de minha querida Alba, que ela é um sinal de superação. Alba traz consigo uma alegria que não é dela mesma, só pode ser vinda do Espírito Santo. Mais também Maria Alícia, essa criança, e na pessoa dela eu saúdo essas outras que estão ali. Tão legal, elas estão dando um enfeite diferenciado a nossa assembleia aqui. Meus amigos e minhas amigas, olhando um pouquinho a linha do tempo, Anchieta me pediu pra ver isso, pra eu lembrasse o Centro de Justiça e Paz, nos anos oitenta, aqui na Diocese de Patos, onde tinha Osman, Geralda Medeiros, João Mendes, tinha também Zé Lacerda, então era um pessoal que naquele tempo, nos anos oitenta, já tinha uma preocupação. Eu acho que Zé Gonçalves era criança nesse tempo, adolescente, que já passava por esses caminhos. Então isso foi um aprendizado muito interessante, o Centro de Justiça e Paz, que tinha essa preocupação de cuidar exatamente daquelas pessoas que eram injustiçadas, humilhadas. Olhando ainda, a gente ver nesse percursos agora, chegando mais aqui a Patos nesses últimos tempos, tempo da pandemia, claro, que os projetos emergenciais, a gente ver que o projeto da Ação Social, em parceria com o governo do estado, Prato Cheio, oferece mil e vinte refeições diárias, com distribuições nos locais: Casa da Misericórdia, Placas, Cangote do Urubu e também Bivar Olinto. Isso é uma ação em parceria com o governo do estado, e isso vai trazendo um pouco de alento às pessoas de rua e também das periferias de Patos. Isso dizendo pra vocês, e se a gente quer entendeu um pouquinho, a questão da fome. Precisamos ver a geografia da fome de Josué de Castro, que, com certeza, Zé Gonçalves já leu muito esse texto, que a apresenta uma realidade aonde aquelas pessoas da zona cana, saindo do interior de Pernambuco, vivia em calamidade. A geografia da fome de Josué de Castro, que ainda hoje é um livro muito lido pra se entender a questão da fome. E qual é a causa realmente de tudo isso, meus amigos e amigas? É a concentração de rendas. As terras agrícolas produtivas, aqui na nossa região, estão na mão de quantas famílias? Quer ver mais um pouquinho, a gente está vendo as companheiras que vieram de lá do Assentamento Serrote Liso, que estão ali em busca de espaço pra uma moradia, aí eu me pergunto e fico perguntando aos demais e aos nobres vereadores, aqui em Patos, o solo urbano está na mão de quantas famílias? Só pra ajudar a gente refletir, a gente pensar que a questão da fome passa também pela questão da moradia. Vocês conhecem essa história, nós conhecemos, e isso vai trazendo pra nós um novo jeito de repensar, inclusive a política voltada para os interesses da população que passa privação e grandes necessidades. Isso mostrando que é necessário que a gente veja que a Diocese de Patos, com toda essa programação, pra sanar um pouco a fome, encontra pessoas que estão hoje desalentadas, não é José? Vão procurar trabalho, bate ali e não encontram. Patos não oferece trabalho suficiente para a sua população. Vamos olhar por exemplo, quais são as fábricas, as empresas que aparece em Patos? Nós temos as de calçados, que são pequenas fabriquetas, que não comportam cem, duzentos empregados, funcionários, e isso vai gerando o quê? Fome, desemprego, a população aumenta. A gente

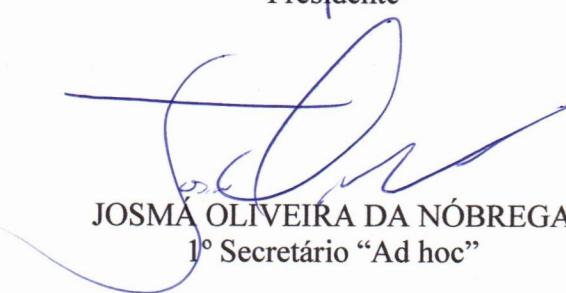
percebe isso, meus irmãos, e a gente vai olhando dentro do conjunto, quais são as outras causas, além da concentração da terra, do solo urbano, da economia, da política? A maioria dos nossos representantes sempre tem uma dinastia, vem de uma hierarquização, pessoas do poder, que sempre foi do poder, e isso não vai defender os interesses dos pobres não, vai defender os interesses dos que já tem, que sempre tiveram e querem aumentar o seu patrimônio. Isso é uma coisa que nós precisamos debater, porque isso gera fome, gera desencantamento, gera humilhação. Todo esse trabalho que a gente está fazendo, no contexto da Diocese de Patos, é exatamente naquela lógica de Moises, de tirar a humilhação do povo, a humilhação. Você o que é um pai de família ir fazer a feira, chegar lá e olhar a carne de primeira: quanto é? Quarenta reais. Está humilhado ou não está um homem desses? Então, como a ação da Diocese tem representação social e outras tantas iniciativas, como a gente levantar com isso e começar a colocar em prática um debate, discussão, que gere oportunidade. Aí vem o trabalho da sociedade civil organizada, com os quilombolas, com os camponeses, campesinatos, economia popular solidária, aonde empondera as pessoas pra elas buscarem caminhos alternativos. Claro, nós temos as questões emergenciais, isso aqui tem que se cuidar no imediato. Mas nós já estamos trabalhando criando oportunidades, curso de geração de trabalho e renda, já com essa lógica de ajudar as pessoas a buscarem o caminho, a oportunidade, gerando oportunidade pra outras pessoas. E isso é um trabalho que nós estamos fazendo, e a gente quer exatamente já ir encaminhando as pessoas para um debate mais aprofundado. Isso a partir da sexta semana social brasileira. Olha, a gente dar comida? Dar. É emergencial? É. Mas também devemos começar a pensar a cabeça, pra ir descobrindo novos caminhos, novas alternativas. E a semana social brasileira traz uma temática: mutirão pela vida, mutirão pela terra, mutirão pelo teto e mutirão pelo trabalho. Imaginem se a gente trabalha isso dentro de uma compreensão, aonde as pessoas necessitam de algo, mas precisam de avançar na busca de alternativas sustentáveis. Não sei se a gente comprehende bem essa tecnologia de sustentabilidade. E é preciso. Quem faz política tem que buscar a sustentabilidade para que as pessoas respirem e nunca falte isso. É criar oportunidade para ter uma sustentabilidade da vida. Mas também a gente olha a semana social brasileira, que está em pleno caminhar, nós aqui na Diocese fizemos nas Foranias, sete rodas de conversas sabe Gonçalves, e quando a gente chegou e foi codificar o número de pessoas, mais de quinhentas pessoas debateram essa temática, a busca por terra, teto, trabalho, moradia digna. Isso é um trabalho que a igreja faz com o objetivo de ir despertando nas pessoas, empoderando no debate, e elas vibrando com que vão fazendo. Mas para finalizar, eu quero lembrar a todos o grito dos excluídos, que agora no dia sete de setembro, eu creio que todos nós estaremos neste dia dos gritos dos excluídos, com uma proposta que é muito interessante: ‘você tem fome de que?’. De que você tem fome? A gente olha aqui o Papa Francisco, com a carta encíclica laudato si, como provocou a sociedade pra o cuidado com a mãe terra. Eu vi a fala do companheiro aí, ele dizendo: ‘quem produz a comida, o alimento?’. Aí eu ficava pensando, a mãe terra tão estragada, tão humilhada, tão queimada, tão debochada, aonde chovendo ali fertiliza, bota um grão e germina, que alimenta a humanidade. E aí a gente percebe José e demais vereadores e nobre vereadora, que há uma contradição muito grande, um grande abismo no Brasil, como é que todo ano o agronegócio produz tanto e exporta tanto, a gente percebe que todo ano o superávit é muito grande de alimentação, e tem gente passando fome no Brasil? Não tem umas contradições? A igreja ver tudo isso, e ela vai provocando as pessoas para no dia sete de setembro a gente possa dar um grande grito. E qual é o seu grito? Cidadania,

terra para quem precisa trabalhar nela. Qual é o outro grito que poderemos dar nesse dia sete de setembro? Assentamento para as mulheres do Serrote Liso, uma política voltada para a inclusão social. Olha só, vai ser uma bela coisa! E a Diocese de Patos caminha nesse quadrado, nesse espaço, mas ela sozinha se torna insuficiente. O que é preciso? De todos nós. A gente precisa da Câmara de Vereadores. Eu acho muito interessante essa proposição de hoje, e me parece que oportunidade para que a gente fazer um debate aberto com a sociedade. Achei bonito aqui todo mundo falando, e digo: poxa, isso é o lugar do povo, a tribuna do povo, a casa do povo. E seja um lugar aonde vocês possam ouvir e escutar para que vocês possam apresentar Projetos que venha exatamente viabilizar a vida que implica terra, teto, trabalho, salário digno, e dando esse grande grito que a gente precisa. Qual é o seu grito ao céu, como assessor de Luiz Couto? Qual é o seu grito? Qual é o grito da Câmara de Vereadores? Qual o grito da Diocese de Patos, nas pessoas dos nossos irmãos e companheiros padres que estão aqui? Eu agradeço a oportunidade, a Diocese fica muitíssimo agradecida. O nosso Bispo não está presente porque ele teve uma demanda de hoje em Recife, e aí nós estamos aqui fazendo a vez que ele deveria fazer. Um abraço de coração, e vamos juntos buscando alternativas por mais vidas, mais tetos, mais trabalho e mais dignidade para nossa gente. Muito obrigado.” Com a palavra, o **Vereador José Gonçalves** disse: “Eu falei sobre a emenda impositiva que não tinha sido paga, mas foi paga a de trinta e dois mil, e não foi paga anterior, de vinte e oito mil. Mas já foi paga agora, no dia trinta de junho. E eu sou muito correto com minhas coisas, e tenho que, acima de tudo, falar aqui a verdade. E como proposito dessa Audiência Pública, agradecer a todos e todas, e dizer que estamos à disposição pra fazer essa luta na prática. E fazer também o chamamento, pra o dia sete de setembro, o grito dos excluídos lá na Praça Edivaldo Mota. Já estamos nos reunindo e nos mobilizando, segunda feira tem outra reunião, às dezenove, pra gente realmente fazer uma grande atividade aqui em Patos.” Não havendo nada mais a tratar, agradecendo a presença de todos, às vinte e uma hora e quarenta e quatro minutos, a Senhora Presidente deu por encerrada a presente Audiência Pública.

SALA DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS/PB (CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA). EM, 23 DE AGOSTO DE 2023.



VALTIDE PAULINO SANTOS  
Presidente



JOSMÁ OLIVEIRA DA NÓBREGA  
1º Secretário “Ad hoc”